

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP; docente e pesquisadora do Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Atua como pesquisadora, professora e consultora de projetos criativos e acadêmicos e como curadora do *zigzague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas* (MAM-SP). É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (Anhembi Morumbi, 2004) e diretora do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma* (DVD, 55 min., Diphusa, 2006).

E-mail: kekei@comum.com

O *zigzague – especial futebol* – convidou o escritor e jornalista Xico Sá, show de bola na bancada do programa *Cartão Verde*, da TV Cultura, e nas crônicas esportivas do jornal *Folha de S.Paulo*, para um passe transversal.

Ainda que aparente certa concentração no futebol, Xico bate um bolão para muito além do gramado. Não por acaso, nosso convidado nomeou um de seus primeiros livros de *Modos de macho & modinhas de fêmea: a educação sentimental do homem* (Record, 2003). Sá começou cedo a atuar nessa linha de investigação¹, seja com abordagens amorosas, musicais, pornográficas ou futebolísticas: as relações entre os sexos, demasiadamente humanas e notoriamente confusas, é também um esporte que lhe interessa.

Seu título se remete diretamente ao clássico *Modos de homem & modas de mulher* de Gilberto Freyre. O antropólogo pernambucano é frequentemente referenciado por Xico – ele também um defensor declarado de um “corpo brasileiro”² que invista mais em seus encantos naturais do que em “excessos artificializantes”³.

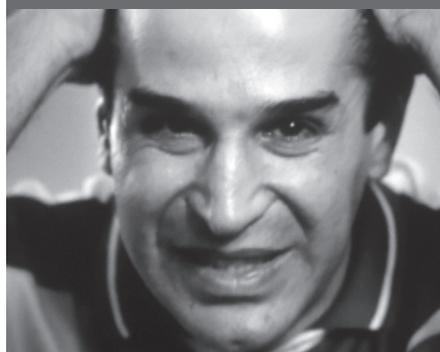
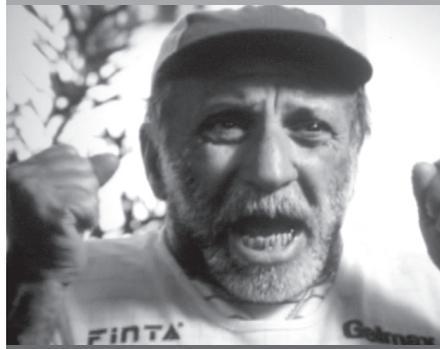
Grande parte dos textos de Sá – sobre mundanidades das mais diversas – esbarra constantemente nos jogos que se fazem entre os gêneros de machos e os tipos de fêmeas, continuamente abalados por faltas injustas, penalidades máximas, contusões violentas ou goleadas inesquecíveis. Nosso cronista é sensível o bastante para nos fazer ver, nesse campo de batalhas, alguns sinais de nossos tempos conturbados que estremecem corpos e corações.

É esse o tom escolhido por Xico Sá para zigzaguear conosco. Cheio de percentuais e com alguma safadeza, ele aborda o fanatismo masculino pelo futebol entrelaçado a outras intensidades de homens e mulheres. E convoca a torcida feminina a prestar atenção na disputa. A crônica cedida à coluna demonstra a força que o futebol tem, quando se trata das taxas hormonais masculinas, e segue aconselhando as moçoilas a desistir de vez de competir com uma paixão incontestável: o time.

Na perspectiva dos esportes, esse poderia ser apenas mais um caso no qual a união faz a força. Entretanto, no cenário dos desejos, está comprovado: a vitória aumenta a força de união. Por hora, a Copa do Mundo coloca brasileiros, machos e fêmeas, em sintonia plena. Contudo, em caso de derrota, nosso comentarista adver-



O sofrimento e a alegria de torcedores fanáticos, em cenas do curta-metragem *Perdemos de 1 a 1*.
Direção Patrícia Moran (35 mm, 11 min., 2000)⁴.



[XICO SÁ]

Jornalista e escritor, nasceu em Crato, no Cariri cearense, e iniciou sua trajetória profissional em Recife. É colunista da *Folha de S.Paulo* e autor, entre outros livros, de *Modos de macho & modinhas de fêmea* (Record, 2003), *A divina comédia da fama* (Objetiva, 2004), *Catecismo de devoções, intimidades e pornografia* (Ed. do Bispo, 2005), *Caballeros solitários rumo ao sol poente* (Ed. do Bispo, 2007) e *Chabadabadá: aventuras do macho perdido e da fêmea que se acha* (Record, 2010). Assina o blog *O carapuiceiro* (carapuiceiro.zip.net).



te: melhor jogar na retaguarda, sem exigir demais do atacante.

Sexo e futebol: a tabelinha perfeita

Recentes pesquisas revelaram um dado que sempre pareceu bastante óbvio, mas precisava da aura científica para se eternizar: a quantidade de testosterona produzida por um homem fanático aumenta quando o seu time do coração é vitorioso, mesmo que seja contra o Íbis, considerado historicamente como o pior time do mundo.

Ora, sendo a testosterona um hormônio ligado diretamente aos estímulos sexuais, é claro que um homem de bem com o seu time será um animal pelo menos 27,6% mais "animado" nos trapézios e bambuais do Kama-Sutra.

O percentual acima representa a quantidade do hormônio produzida a mais no corpo de um homem nos dias de vitórias do seu clube. A pesquisa foi feita pela Universidade da Geórgia (EUA).

As mulheres devem tirar proveito desta onda e aprender com os seus parceiros tudo que sempre quiseram saber sobre tiros de meta, meia ofensivos, escanteios e, queira Deus, até mesmo os mistérios da lei do impedimento – uma das coisas mais enigmáticas para as mulheres normais.

Mais um dado interessante da pesquisa, aterrorizante para quem torce por times tipo "B", é o seguinte: nas seguidas derrotas, o "homo-fanaticus" perde um tanto da sua capacidade de produzir hormônios (os mesmos 27,6%) e apresenta-se inapetente para o amor ou o sexo propriamente dito.

Agora, as mulheres, que jamais compreenderam o banzo sartreano dos machos derrotados no futebol, podem entender aqueles domingões tristes e monossilábicos, como alguns recentes para os corintianos, por exemplo.

O pior é que não adianta nada pedir para um sujeito mudar de time e tornar-se mais vencedor. Mesmo com a promessa de 27,6% de testosterona-plus, é mais fácil

NOTAS

[1] "Foi em Juazeiro do Norte, uma quase capital do sul do Ceará para onde ele e os cinco irmãos haviam se mudado a fim de frequentar a escola, que sua carreira de escritor começou a decolar. Um apresentador da rádio local, vizinho da família, ouvira falar dos poemas que o então adolescente Xico rabiscava. 'Ele me chamou para ajudá-lo num programa chamado Temas de Amor, meio que um consultório sentimental. As mulheres mandavam cartas sobre maridos que iam para São Paulo e abandonavam a família ou sobre homens que prometiam casamento e desapareciam – aquele machismo horrível. O apresentador lia a carta e eu escrevia um conforto', relembra. 'Eu não tinha a menor idéia do que fosse uma mulher. Mas pegava poemas de Fernando Pessoa e misturava com coisas que eu escrevia. Ai colocava uma música de fundo bem triste e piorava a situação de vez', recorda-se entre gargalhadas. BARROS, Carlos Juliano. *Brilho boêmio de um cronista mundano*. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=350&breadcrumb=1&Artigo_ID=5442&IDCategoria=6233&reftype=1>. Acesso em: 11 maio 2010.

[2] Freyre aborda o assunto em diversos momentos de sua obra, especialmente nos subtítulos "Aqui entra a morenidade brasileira" (p. 57-62); "Defesas da natureza contra excessos artificializantes" (p. 63-65); "Triunfante a miscigenação brasileira" (p. 87-88); "População brasileira e miscigenação" (p. 99-101); "Ancas de mulher em artes brasileiras" (p. 103-104); "Imponências de formas da mulher tradicionalmente feminina" (p. 105-106); "Dignidade e amplas ancas" (p. 107-108); "Modas brasileiras de mulher e suas transferências com o trópico" (p. 109-110) e "O impacto da boneca loura" (p. 243-245). FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. São Paulo: Global, 2009.

[3] "Defesas da natureza contra excessos artificializantes" (FREYRE, 2009, p. 63-65).

[4] Em uma cidade do interior vivem Dr. Neco e Dona Zita. Ela, uma atleticana fanática, ele, um cruzeirense doente. Dia de clássico é confronto certo na cidade, que se transforma em campo de batalha. Dona Zita se emociona, seu coração começa a falhar, seu inimigo se transforma em salvador.